

Com o passar dos anos, o homem tem tendência a hierarquizar os vários homens que ele traz dentro de si. De sorte que o homem no seu viver, consigo-mesmo e com-o-mundo, vai passando por etapas e sofrendo transformações que lhe conferem o estatuto de um ser singular. Esta é a razão de podermos falar nas idades do homem, tema abordado com muita acuidade pelo psicólogo americano Ken Dychtwald.

O homem é um produto da evolução, biológica e cultural. Embora nossa civilização glorifique a máquina, ainda não surgiu nada que se compare ao ser vivo, forjado em bilhões de anos de evolução e, portanto, formado com a sabedoria imanente desse processo seletivo. De sorte que o homem deve a sua inteligência a um longo processo evolutivo, que foi decantando comportamentos adaptativos, e a vida deu certo em virtude desse lento aperfeiçoamento biológico. Assim encarado, o "tempo biológico" é uma espécie de elogio da lentidão. Já a evolução cultural se faz de modo acelerado, obrigando o ser humano a adaptações rápidas, o que nem sempre se processa sem traumas. Até a revolução tecnológica moderna (meados do século 20) o homem processava esses ajustes periódicos sem muito atropelo. Entretanto, na Idade Contemporânea nós vivemos numa sociedade acelerada, com uma lógica de cronômetro, onde corremos o tempo todo atrás do tempo.

O que fazer com o tempo? Milhões de pessoas que anseiam pela imortalidade, não sabem o que fazer numa tarde chuvosa de domingo, segundo a escritora Susan Ertz. A nossa civilização incorpora, sem cessar, novas tecnologias para aumentar a eficácia e a rapidez dos serviços (automóvel, avião, trem bala, eletrodomésticos, telefone celular, fax, computador, Internet...) e nunca, como agora, o homem correu tanto e se queixou tanto de falta de tempo. Não há tempo para a reflexão e para ver preguiçosamente o tempo passar. São tempos nervosos. Por outro lado, a vida do ser humano é tão curta que o grande ator italiano Vitório Gassman disse certa vez: "A gente devia ter duas vidas: uma para ensaiar, outra para viver." Mas, como só temos uma, é preciso usar o tempo com sabedoria: "Há tempo para pescar e para secar a rede." Enfim, é preciso também ficar à-toa na vida vendo a banda passar.

A idade do homem: uma viagem no tempo

A vida do ser humano é tão curta que o grande ator italiano Vitório Gassman disse certa vez: 'A gente devia ter duas vidas: uma para ensaiar, outra para viver.' Mas, como só temos uma, é preciso usar o tempo com sabedoria: 'Há tempo para pescar e para secar a rede'

Por Wilson Luiz Sarvito

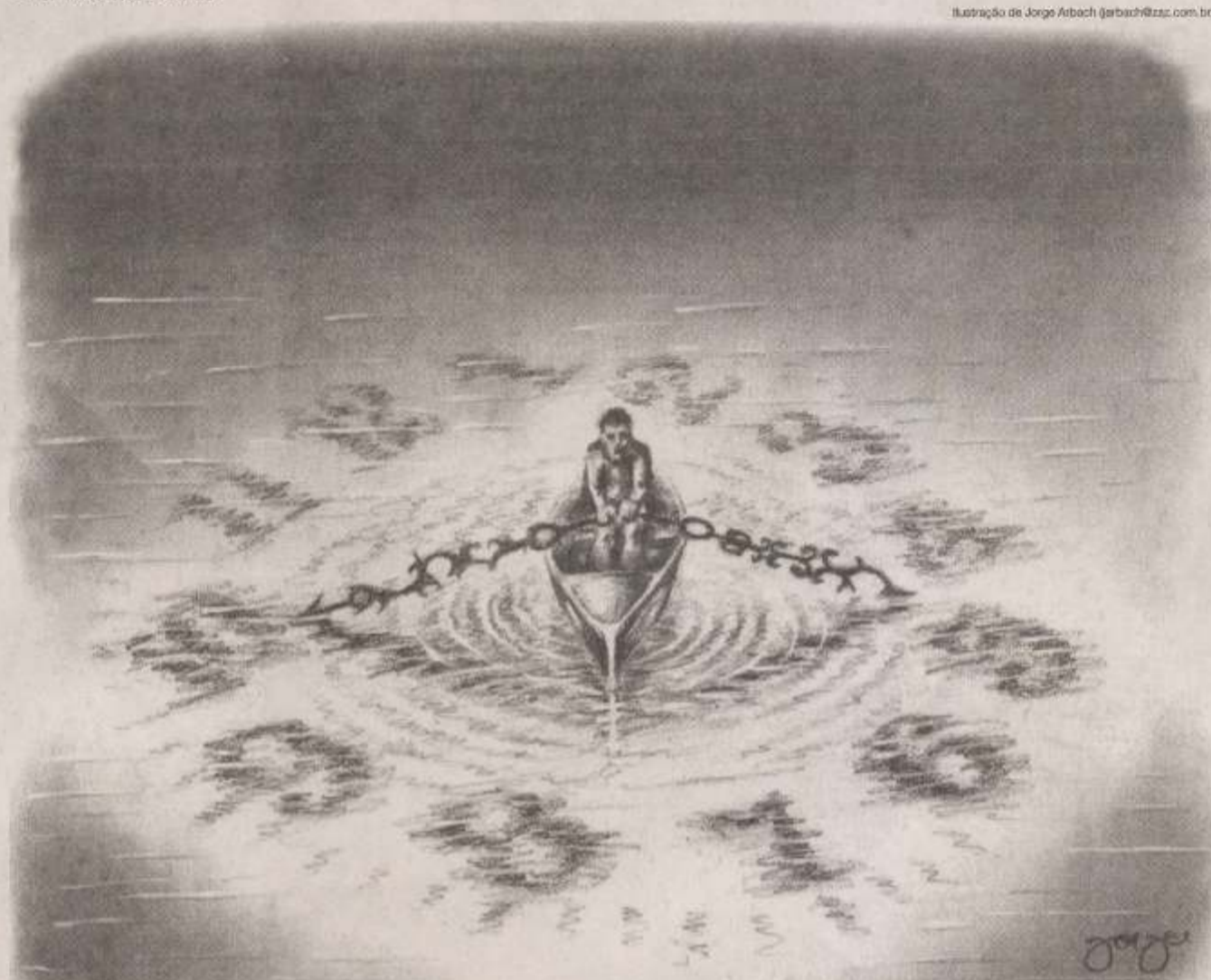


Ilustração de Jorge Arbach (jgbarbach@zcc.com.br)

o apelo à sociedade epidérmica, dos desejos e dos prazeres. Principalmente nos países desenvolvidos o poder jovem é uma realidade incontestada. E esse poder é cortejado, e nem sempre por motivos nobres, por muitas instituições: partidos políticos, seitas religiosas, meios de comunicação... Acima de tudo, a juventude transformou-se num gigantesco mercado de consumo (roupas, música, esportes, outros tipos de lazer), com esquemas publicitários voltados exclusivamente para adolescentes. O mundo adulto manipula a juventude por meio dos poderosos meios de comunicação, criando ídolos e mitos, alienando-a e dirigindo-a na direção de suas conveniências. E essa manipulação encontra um terreno fértil porque na juventude cultivamos a idolatria e na maturidade, a iconoclastia.

"Que coisa maravilhosa é a juventude!" - disse, certa vez, uma lady a George Bernard Shaw durante um banquete. "Realmente - respondeu GBS - e que crime gastá-la com os jovens!" Diz, com muito acerto, um adágio brasileiro: "A mocidade é um defeito que vai sendo corrigido dia a dia." Entretanto, não podemos matar o adolescente que habita em todos nós, pois este representa a nossa indignação e o nosso protesto contra as injustiças do mundo.

Se na juventude o ser vive a crise da adolescência (querendo ser adulto e livre), na fase adulta ele vive a crise da responsabilidade (deve definir a profissão, se inserir no mercado de trabalho, formar um lar...). Peter é de opinião que a meia-idade tem início quando se deixa de recriminar a geração dos pais para recriminar as gerações dos filhos.

Esta fase da existência é extremamente competitiva e a palavra de ordem é "vencer na vida". Na batalha da vida é preciso matar um leão por dia e essa linguagem bélica já significa que na sociedade contemporânea existem ganhadores e perdedores. Enfim, é a idade do adiestramento para o que der e vier. Mas ninguém é de ferro e, nesta fase, é preciso compatibilizar trabalho e lazer.

É a época em que se cultiva a utopia do corpo (corpolatría) por meio

de atividades físicas e do culto aos esportes. A preocupação com a aparência física (exterioridade) é uma obsessão e o indivíduo tenta manter-se jovem a qualquer preço. É a prática do narcisismo levada ao extremo. Diz um ditado que até o diabo quando era moço era bonito. O lema é mais ou menos o seguinte: "Amar a si-mesmo sobre todas as coisas." Há um nítido predomínio da cultura física sobre a intelectual. Os templos mais frequentados são as academias de ginástica, os espaços esportivos, os clubes e outros que-tais, onde se pratica musculação, ginástica aeróbica, cooper, halterofilismo, natação, ioga, banhos de sauna, massagens, biodança... É a modelagem do corpo; é o bem-estar físico.

Os budistas se referem à velhice como uma das quatro aflições da vida: o nascimento, a velhice, a doença e a morte

Tudo se faz em prol da formosura e da saúde: cirurgias plásticas, lipos aspirações, uso de hormônios, suplementos vitamínicos, dietas milagrosas... São os recheios de silicone, as infiltrações para eliminar rugas incipientes... Enfim, é o festival cosmético para o goáudio do mercado. Prega-se uma nova ordem: autodisciplina e autocontrole para adquirir ou conservar um corpo saudável e belo. O corpo é visto metaforicamente; ele é a cristalização da ordem natural. A sociedade americana cultiva esta ideologia, que vai sendo assimilada pelos países periféricos: "São os comportamentos politicamente corretos."

Segundo Amiel, saber envelhecer é a obra-prima da filosofia. A idade avançada geralmente traz uma inapetência física e intelectual e um estímulo ao desinvestimento. Por outro lado, fala-se muito no poder curativo do tempo: "O amor faz passar o tempo e o tempo faz passar o amor." E acrescentam os pessimistas: "O tempo cura tudo, menos a velhice."

Os budistas se referem à velhice como uma das quatro aflições da vida: o nascimento, a velhice, a doença e a

morte. Paradoxalmente, todo mundo quer viver muito, mas ninguém quer ser velho. A velhice passa a ser uma espécie de punição por viver mais. Desgraçadamente, ainda não se descobriu a mágica de viver muito sem envelhecer.

É a época de correr atrás das fórmulas rejuvenescedoras, enfim de encontrar a fonte da juventude. Infelizmente, só uma vez na vida somos jovens. O idoso tem grande dificuldade de conviver com a sua idade, principalmente no Mundo Ocidental, onde se cultiva a juventude, a beleza, o poder, a riqueza. Na opinião de Montaigne, enquanto a juventude somente tem olhos para o futuro, a velhice só enxerga o passado. Efetivamente, quando os velhos se encontram eles falam bem do passado, falam mal do presente e não falam do futuro. É muito difícil para o velho se adaptar ao mundo de hoje, em virtude das mudanças rápidas dos usos e costumes. O velho está na fase de cristalização dos conhecimentos, isto significa que ele se recusa a assimilar o novo, porque tem dificuldade para entendê-lo e já não tem a mesma disposição para um esforço de compreensão. Somos muito aquilo que lembramos; envelhecer é, principalmente, perder recordações. Para alguns, mais pessimistas, a velhice é uma doença que dura pouco... Mas que, com o aumento da média de vida da população, vem durando mais.

Pode-se considerar que o homem apresenta múltiplas idades, algumas se sucedendo no algoritmo da existência e outras convivendo na mesma fase da vida.

A idade cronológica é a maneira datada de envelhecer. Diz-se que não há nada como o tempo para passar e a idade cronológica depende apenas do tempo que passa. Ou, mais apropriadamente, não é o tempo que passa, somos nós que passamos. Esta idade depende apenas do calendário e nível de pessoas. Ela é implacável, pois todos os que nasceram na mesma data têm a mesma idade.

Na idade espiritual os aspectos mais profundos de nosso ser se desenvolvem, amadurecem e desabrocham. Esta idade nem sempre corres-

ponde à idade cronológica, mas é inegável que ela vai encorpando com os anos de experiência, o que permite ao ser um desenvolvimento no plano espiritual. Esta forma de envelhecimento é considerada positiva, pois dizer que o homem é um velho sábio é um alto elogio. E sabedoria, neste contexto, significa muito mais do que conhecimento. É uma espécie de conhecimento temperado pelo juízo. É o que os franceses denominam "a idade da sabedoria". Numa frase de Ebner-Eschenbach: "Na juventude aprendemos; na maturidade, compreendemos."

Também a idade emocional, no contexto do envelhecimento, é considerada uma experiência positiva e as pessoas que atingem uma maturidade emocional têm igualmente grande sabedoria ou, pelo menos, prudência. A idade emocional nem sempre acompanha a cronológica, é forjada pelas nossas vivências e depende do modo como lidamos com o mundo e com os nossos conflitos.

A idade mental é adquirida pelo acúmulo de conhecimento ao longo da vida. Embora a passagem do tempo possa contribuir para enriquecer o acervo de conhecimentos, a idade mental nem sempre corresponde à cronológica. Além da capacitação biológica do indivíduo, ela depende de influências sócio-culturais que atuam sobre ele desde que imerso no mundo (ambiente familiar, escolarização, experiências cotidianas, atividade profissional...). Certos jovens podem até apresentar, a partir de certa fase da vida, uma idade mental superior à de seus pais; eles são, então, mentalmente "mais velhos".

A idade social depende dos papéis que nós representamos na sociedade, sendo portanto influenciada pelos modos de vida de uma comunidade. Na medida em que o indivíduo vai exercendo um papel no seio da família e da comunidade, ele vai desenvolvendo a sua idade social e pode adquirir o direito de dirigir a família ou de tomar decisões relativas a um grupo social. Esta idade tem muito a ver com as condições de liderança do indivíduo. No Ocidente o velho é encarado como um produto descartável, sendo os jovens considerados mais aptos a enfrentar os desafios de uma sociedade complexa. Em certos países asiáticos (China, Japão), as pessoas idosas permanecem ativas e desfrutam de privilégios e posições honrosas.

A função da medicina devia ser a de ajudar as pessoas morrerem jovens o mais tarde possível

Sem sombra de dúvida, o fantasma, para todos nós, é o envelhecimento físico e mental. A idade física (ou biológica) é a dimensão do processo de envelhecimento que ninguém aceita pacificamente e é quase sempre encarada de modo negativo. Esta idade representa a maneira natural de envelhecer e este tipo de envelhecimento significa perdas: perda da potência sexual, da beleza, da agilidade mental, da memória, do equilíbrio, da visão, da audição, etc. Pode-se até dizer que na aritmética da idade o envelhecimento é uma conta de subtração. E, ainda mais, significa risco maior de doenças e o enfrentamento da morte, que se aproxima. As avaliações passam a ser feitas computando o tempo que resta para viver e nesta fase da vida as pessoas tornam-se mais introspectivas e reflexivas.

Mas é preciso raciocinar que a velhice não é tão ruim quando você considera a alternativa, como disse certa vez o cantor Maurice Chevalier. O temor do envelhecimento não é recente e já os egípcios e os romanos faziam uso de grandes quantidades de alho para prolongar a vida e aumentar o vigor físico. Os alquimistas estavam atrás da pedra filosofal, que transmutaria o chumbo em ouro e os mortais em imortais. Hoje nós temos a geriatria... enfim, a velhice não é uma fase da vida particularmente interessante, a ponto de merecer do dr. Ernest Wynder a seguinte observação: "A função da medicina devia ser a de ajudar as pessoas morrerem jovens o mais tarde possível."

No meu entendimento, a vida é uma maneira de viajar e, quanto mais pudermos desfrutar essa viagem, melhor para nós. É preciso sobretudo aproveitar a vida sem a compulsão de não perder tempo. A propósito, é oportuno lembrar estes magníficos versos de Lamartine: "Tempo! Suspende o vôo; em tantas alegrias, / Paraí, horas propícias! / E deixai-nos gozar de nossos belos dias / As rápidas delícias."

Wilson Luiz Sarvito é médico e professor universitário

O bueiro entupiu?
Teu vizinho te atrapalha?
Venderam-lhe gato por lebre?

Sua carteira de motorista venceu?
Tem ratos no terreno ao lado?
Quantas multas você já tem?

Vá para www.defenda-se.inf.br e resolva o seu problema

defenda-se

O NOVO SITE DO JT QUE RESOLVE SEUS PROBLEMAS DE CIDADÃO E CONSUMIDOR